



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO

RESENHA

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 176. Tradução: Hildegard Feist. ISBN: 8535902791.

Laila Nobre Paulino¹

John Hersey nasceu no dia 17 de junho de 1914 em Tianjin, China, e morreu aos 78 anos no dia 24 de março de 1993 em Key West, Flórida. Ele foi um jornalista, escritor e professor norte-americano, formado pela Universidade Yale e pós-graduado como um Mellon Fellow em Cambridge. É considerado o principal precursor do Novo Jornalismo, que se caracteriza como um jornalismo literário moderno. Durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu artigos para as revistas Time, Life e The New Yorker. Algumas de suas obras são "Men on Bataan", "Into the Valley", e "A Bell for Adano", que foi seu primeiro romance e pelo qual ganhou o prêmio Pulitzer. Além dessas, escreveu a obra "Hiroshima", que é considerado o seu trabalho mais notável.

"Hiroshima" é sobre o grande desastre causado na cidade pela bomba atômica "Little Boy" que foi lançada pelo "Enola Gay", um bombardeiro B-19 dos Estados Unidos, na Segunda Guerra Mundial. Para realizar a apuração dos fatos e redigir a reportagem, Hersey esteve no Japão de 25 de maio a 12 de junho e escreveu a primeira parte da matéria em aproximadamente seis semanas, totalizando originalmente 150 páginas. A obra foi publicada primeiramente como um artigo, na edição de 31 de agosto de 1946 da The New Yorker. A revista teve uma edição histórica, pois a dedicou inteiramente para a publicação da reportagem. Foram vendidos cerca de 300 mil exemplares, todos esgotaram em poucas horas. Ela foi considerada a melhor e mais importante reportagem do século XX, o que incluiu o autor na lista dos dez americanos mais importantes daquele ano.

¹Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: lailanobrepaulino@alu.ufc.br

Após cerca de 40 anos, Hersey voltou ao Japão para concluir a reportagem, lançando assim a obra completa em forma de livro. A versão brasileira foi publicada em 2002 sob o selo “Jornalismo Literário” da Companhia das Letras, e com a tradução de Hildegard Feist. A reportagem tem o objetivo de mostrar as graves consequências causadas pela bomba atômica lançada sobre Hiroshima, e isso é apresentado através do relato das experiências de seis *hibakushas*, que é um termo japonês utilizado para se referir aos sobreviventes e que significa “pessoas afetadas pela explosão”. O livro é dividido em cinco capítulos que contam os acontecimentos desde momentos antes da bomba cair até 40 anos depois da explosão.

No primeiro capítulo, chamado “Um clarão silencioso”, o autor introduz com a apresentação de cada personagem, são eles: Srta. Toshiko Sasaki, jovem funcionária que trabalhava no departamento de pessoal da fábrica East Asia Tin Works; Dr. Masakazu Fujii, médico proprietário de um hospital particular; Sra. Hatsuyo Nakamura, viúva de um alfaiate e mãe de três crianças; padre Wilhelm Kleinsorge, um jesuíta alemão da Companhia de Jesus que havia sido designado para a cidade; Dr. Terufumi Sasaki, jovem cirurgião que trabalhava no Hospital da Cruz Vermelha; e reverendo Kiyoshi Tanimoto, pastor da Igreja Metodista de Hiroshima que havia sido educado nos Estados Unidos, na Universidade de Emory.

Ao decorrer do capítulo, são descritas mais detalhadamente as informações mais relevantes acerca de todos eles: como profissão e local de trabalho, a idade, pessoas da família e amigos mais próximos, traços físicos e características de suas personalidades, ocupações, entre outras coisas. Também há a descrição das atividades realizadas por cada indivíduo na véspera da explosão, relatando sobre a rotina deles, o horário que eles acordaram, o que eles fizeram, para onde eles foram, com quem se encontraram, e como se sentiam naquela manhã do dia 6 de agosto de 1945. Em seguida é relatada a experiência vivida por cada um deles durante o exato momento da explosão, com detalhes de onde e com quem estavam, a qual distância se encontravam do centro da explosão, e o modo como reagiram ao presenciar aquele clarão silencioso, mostrando que suas ações e escolhas colaboraram para a sua sobrevivência, e por conta disso não estavam entre as aproximadamente 80 mil pessoas que morreram instantaneamente.

Passando para o segundo capítulo, “O fogo”, Hersey discorre sobre a situação dos *hibakushas* depois da explosão, mostrando como lidaram com aquela situação, o que fizeram para se desvencilhar das ruínas e se livrar em meios aos destroços. A bomba havia liberado toda a sua energia em destruição, e um enorme incêndio se alastrava pela cidade. Várias casas

ardiam em chamas, era uma situação espantosa, e por conta dos fortes ventos, novos incêndios surgiam e se propagavam rapidamente. O autor conta sobre como eles ajudaram as pessoas que estavam próximas naquele momento de desespero. Muitas se encontravam com ferimentos, cortes, sangrando pelo corpo inteiro, com queimaduras terríveis, rostos desfigurados, soterradas sob os escombros e incapazes de se mover. Em caso de emergência, a população havia sido orientada a se dirigir às chamadas “áreas seguras”, enquanto muitas pessoas se deslocavam até essas áreas, outras feridas iam para os hospitais, e outras procuravam pelos seus familiares e conhecidos. Durante todos esses percursos, encontravam-se várias pessoas feridas e vomitando, eram muitos os gritos de dor e pedidos por socorro, e o número de cadáveres era cada vez mais impressionante.

No terceiro capítulo, “Investigam-se os detalhes”, Hersey narra as dificuldades que os seis sobreviventes estavam passando e os resgates que continuavam a fazer, carregando feridos, e atravessando rios. Já haviam visto tantas coisas ruins, tanta dor e sofrimento, que estavam desgastados e não podiam fazer muita coisa para ajudar aqueles que estavam gravemente feridos, assim a vergonha e culpa aumentavam por terem sobrevivido enquanto tantos estavam mortos. Os hospitais estavam extremamente lotados, os poucos médicos não davam conta do grande número de vítimas espalhadas por todo lugar, e o governo japonês estava fazendo pouquíssimo para ajudar todas aquelas pessoas. Na manhã do dia 7 de agosto houve a primeira transmissão de rádio comunicando que o ataque teria sido feito por um novo tipo de bomba, que logo foi identificado através do pronunciamento do presidente Truman, nos Estados Unidos, que era uma bomba atômica, porém os japoneses continuaram a imaginar a causa da catástrofe em termos mais primitivos e infantis, elaborando teorias longe da realidade, pois isso tudo era novidade e não se havia utilizado essa tecnologia antes.

Em “Flores sobre ruínas”, o quarto capítulo, o autor inicia contando fatos que aconteceram doze dias depois da bomba. Continua narrando acerca das dificuldades que os *hibakushas* estavam enfrentando, agora sofrendo transtornos devido a exposição à radiação. Muitos deles se tornaram vítimas de uma doença que provocava mal-estar, queda de cabelo, febre, fraqueza, entre outros sintomas. Seus ferimentos e queimaduras estavam demorando para sarar por conta da radiação remanescente em Hiroshima, e preocupados com isso, alguns físicos japoneses entraram na cidade para investigar. Algo interessante, é que apesar de toda a destruição, a radiação emitida pela bomba estimulou o crescimento de várias plantas e fez florescer, o que faz referência ao próprio nome do capítulo. Ele segue mostrando como as

peças trataram a doença e se recuperaram, e como começaram a tentar reconstruir suas vidas, buscando novas formas de se sustentar. A situação não era fácil, muitos habitantes continuaram sentindo ódio pelos americanos, as lembranças ruins do desastre ficariam sempre ali. A vida daqueles seis sobreviventes nunca mais seria a mesma.

No quinto e último capítulo, “Depois da catástrofe”, o autor relata o que aconteceu com os seis sobreviventes nos 40 anos após a explosão. Nos primeiros anos todos passaram por momentos difíceis, e foram tendo altos e baixos nas suas trajetórias. Alguns conseguiram melhorar de vida e foram obtendo conquistas ao longo dos anos, outros ainda sofriam com sequelas da radio intoxicação e tiveram problemas de saúde. O que teve uma grande mudança foi Hiroshima. Após toda a destruição, ela foi reconstruída e a cidade que quase literalmente renasceu das cinzas, foi proclamada uma Cidade da Paz.

Essa edição da obra inclui um posfácio, intitulado “Jornalismo com H”, que foi escrito por Matinas Suzuki Jr. Nele é falado sobre a obra “Hiroshima”, como ela foi realizada, o que foi feito para concluir a reportagem, os bastidores da edição da matéria na revista The New Yorker, informações sobre a trajetória do autor, sobre a reação que a reportagem causou na época de sua publicação, e trata da origem e do desenvolvimento do jornalismo literário.

Hiroshima é uma obra exemplar do jornalismo literário, que consegue transmitir de forma humanizada cada momento da tragédia. John Hersey relata a história com riqueza de detalhes, que apresentados na perspectiva dos personagens, faz o leitor mergulhar no ambiente e não só visualizar as imagens dos acontecimentos, mas também sentir as emoções, dores e sofrimentos das vítimas, que o comovem a cada parágrafo. É uma obra de extrema importância para a história do jornalismo, e indispensável para que se adquira conhecimento acerca desse enorme e triste conflito e das consequências causadas pela bomba atômica.

REFERÊNCIAS

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 176. Tradução: Hildegard Feist. ISBN: 8535902791.

WIKIPÉDIA. **Hiroshima**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hiroshima_\(Hersey\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hiroshima_(Hersey))>

WIKIPÉDIA. **John Hersey**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Hersey>